

Situações etnográficas reversas: reflexões sobre construções culturais no contexto futebolístico

Reverse ethnographic situations: reflections on cultural constructions in the football context

 Walter Reyes Boehl  Mauro Myskiw

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 04 maio 2023

Revisado: 02 junho 2023

Aprovado: 02 junho 2023

PALAVRAS-CHAVE:

Etnografia; Reversibilidade; Cultura.

KEYWORDS:

Ethnography; Reversibility; Cultural Constructions.

PUBLICADO:

09 junho 2023

RESUMO

INTRODUÇÃO: Este estudo busca explorar episódios vivenciados por meio de espaços futebolísticos, provocando reflexões sobre as relações etnográficas em campo e a necessidade de uma abordagem mais equilibrada e valorização dos saberes nativos.

OBJETIVO: Explorar as perspectivas de reversibilidade e cultura em contextos etnográficos, destacando a interação entre pesquisadores e participantes nativos na cocriação do conhecimento na Educação Física e ilustrando as diferentes abordagens das construções culturais.

MÉTODOS: A pesquisa foi realizada por meio de uma etnografia. Os dados foram construídos por meio de observação direta, entrevistas formais e informais, convivência-participante e diários de campo.

RESULTADOS: Os principais resultados deste estudo mostram que a cultura é construída de forma colaborativa nas relações entre etnógrafos e nativos. Ambos os participantes são ativos na produção do conhecimento acadêmico, por meio do compartilhamento de símbolos que dão origem a construções culturais heterogêneas e difusas.

CONCLUSÃO: Conclui-se que é importante que haja um diálogo acadêmico de tal modo o mais equilibrado possível entre observador e observado na produção do conhecimento, bem como apresenta uma reflexão mais ampla sobre essa dinâmica em contextos etnográficos.

ABSTRACT

BACKGROUND: This study aims to explore episodes experienced within football spaces, triggering reflections on ethnographic relationships in the field and the need for a more balanced approach and appreciation of indigenous knowledge.

OBJECTIVE: To explore the perspectives of reversibility and culture in ethnographic contexts, highlighting the interaction between researchers and native participants in the co-creation of knowledge in Physical Education, and illustrating the different approaches to cultural constructions.

METHODS: The research was conducted through an ethnography. The data was generated through direct observation, formal and informal interviews, participant observation, and field diaries.

RESULTS: The main results of this study show that culture is collaboratively constructed in the relationships between ethnographers and natives. Both participants are active in the production of academic knowledge, through the sharing of symbols that give rise to heterogeneous and diffuse cultural constructions.

CONCLUSION: It is concluded that it is important to have an academic dialogue as balanced as possible between the observer and the observed in the production of knowledge, as well as it presents a broader reflection on this dynamic in ethnographic contexts.

INTRODUÇÃO

“Márcio¹, esse aqui é o Neco², meu empresário”, disse Fabão ao seu primo quando abordado no pátio do centro de treinamentos Celeiros de Ases em Alvorada-RS, após o jogo entre Internacional e São Paulo de Rio Grande pelo campeonato gaúcho juvenil (sub-17).

Naquele momento, meu filho Fernando e seus amigos, Roger e Guilherme, jogadores do infantil do São José, e o próprio Fabão, atleta do mesmo clube que passou pela base do Internacional, estavam comigo. Todos estávamos saindo da partida semifinal entre São José e Juventude de Caxias do Sul pelo campeonato infantil da Federação Gaúcha de Futebol (FGF).

Fiquei surpreso com o comportamento inesperado de Fabão, pois nunca havia enfrentado uma situação semelhante em um ambiente público e esportivo tão cheio de pessoas. Enquanto os meninos ao nosso lado trocavam olhares e ensaiavam uma piada, contiveram-se diante da seriedade de Fabão. Optei por não confirmar nem negar a história que ele trouxe, preferindo refletir sobre o assunto, pois parecia ser uma questão séria para o garoto.

Esse episódio trouxe reflexões profundas sobre as relações etnográficas em campo. Percebi como os pesquisadores, com seus próprios paradigmas, exercem controle sobre o conhecimento em relação aos saberes nativos, gerando discrepâncias e desequilíbrios epistemológicos. Outras experiências vivenciadas contribuíram para uma reflexão mais profunda sobre minha pesquisa. Como iniciante na etnografia, mergulhei na leitura de muitos livros antropológicos e, em alguns momentos, fui visto mais como um pesquisador de antropologia do que de educação física. Foi com a leitura do livro “A Invenção da Cultura” de Roy Wagner que comecei a buscar uma abordagem etnográfica mais equilibrada, com maior valorização dos conhecimentos nativos.

Em minha pesquisa de mestrado, compartilhei várias momentos vivenciados, embora algumas delas tenham sido interrompidas devido aos impactos da pandemia de COVID-19. No entanto, adotei a concepção de Tim Ingold (2012) sobre a fluidez das coisas, que estão constantemente interagindo com o ambiente, materiais e objetos ao seu redor, desenvolvendo novas formas e relações em um processo contínuo de mutação e adaptação.

O objetivo principal deste estudo foi explorar as perspectivas relacionadas à reversibilidade e à cultura em contextos etnográficos. Buscou-se examinar como a interação entre pesquisadores e participantes nativos pode ser considerada um elemento central na cocriação do conhecimento no campo da Educação Física, destacando a importância da criatividade e da inventividade cultural nesse processo. Além disso, pretendeu-se ilustrar como as construções culturais podem ser processadas a partir de diferentes perspectivas.

MÉTODOS

Para este estudo seguiu-se uma abordagem qualitativa

¹ Nome fictício do primo do Fabão, menino que jogava nas categorias de base do São José de Porto Alegre. Os nomes de todos os nativos/interlocutores estão modificados conforme recomendam as boas práticas etnográficas.

² Apelido do primeiro autor.

va, adotando a perspectiva etnográfica, entendida como uma teoria de vida que se entrelaça com as relações sociais, conforme descrito por Peirano (1995).

Para constituição da empiria, foram utilizadas técnicas como convivência-participante, entrevistas formais e informais e observação direta (ROCHA; ECKERT, 2008). O período de campo abrangeu os anos de 2018 a 2020, durante os quais estive imerso nos espaços de formação do futebol no sul do Brasil, convivendo com interlocutores diversos, incluindo aspirantes a jogadores, empresários do ramo, dirigentes, membros de comissões técnicas, torcedores e familiares.

Durante as incursões no campo, foram selecionados colaboradores para participarem do estudo, conduzidas entrevistas e mantidos diários de campo para registro das observações e reflexões.

Os nomes dos interlocutores foram substituídos para preservar suas identidades, mas sem comprometer suas personalidades individuais (FONSECA, 2010). Essa abordagem buscou garantir a confidencialidade dos participantes, ao mesmo tempo em que permitiu uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas e experiências no contexto estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura dos ‘outros’

A definição de cultura é um desafio complexo que tem atraído o interesse de diversas disciplinas, como educação física, sociologia, antropologia, história, geografia, comunicação social, política, economia e administração, entre outras. Em decorrência disso, distintas abordagens e aplicações têm sido feitas do conceito de cultura, frequentemente de forma superficial e simplificada, o que pode obscurecer as complexas relações sociais que permeiam a vida das pessoas.

Antropólogos como Abu-Lughod (1991), Latour (1994), Viveiros de Castro (2002) e Wagner (2010) têm criticado a noção de cultura como um conceito estático e homogêneo, destacando a diversidade e a complexidade das culturas humanas. Uma crítica frequente direcionada tanto ao conceito de cultura quanto ao de sociedade é a de que, frequentemente, eles obscurecem as relações sociais que compõem as experiências das pessoas (STRATHERN, 2014).

Frente às críticas ao conceito de cultura e sociedade por encobrirem as relações sociais, tornou-se importante refletir sobre meu próprio processo de aprendizagem e apropriação dos conceitos relativos à diversidade, identidade e poder cultural, a fim de compreender a cultura de maneira ampla, democrática e complexa.

Na década de 90, quando comecei a estudar cultura na faculdade de Comunicação Social, minha visão era influenciada pela abordagem frankfurtiana. Essa abordagem associava Kultur (cultura erudita) a arte, filosofia, literatura e música, que representavam todos os aspectos espirituais de uma comunidade, e Zivilisation (civilização), que se referia a um conjunto de práticas e comportamentos cotidianos, tais como organização social, trabalho, consumo e política. Posteriormente, durante a faculdade de Educa-

ção Física, iniciei meus estudos sobre o conceito de cultura pela perspectiva antropológica, especialmente pelas obras de Roque Laraia e Clifford Geertz. Tylor, em 1871 (apud. LARAIA, 1986), construiu a primeira definição de cultura: “um complexo que aglutina conhecimento, crenças, arte e, de forma geral, tudo aquilo criado pelo ser humano na sociedade”.

Para Laraia (1986) e Geertz (1978), em linhas gerais, cultura é um sistema simbólico compartilhado pelos integrantes de uma sociedade ou grupo humano, composto por elementos materiais e emblemáticos que permitem aos indivíduos compreender e interpretar o mundo em que vivem. Não obstante, em contraponto à ênfase de Laraia na dimensão material da cultura, que inclui objetos e artefatos, encontra-se a ênfase de Geertz (1978) na dimensão simbólica da cultura, a qual engloba símbolos e significados partilhados. Segundo Geertz, “cultura é uma teia de significados, tecida pelo próprio homem”. Ademais, Geertz salienta o papel dos símbolos na construção da realidade social, ao passo que Laraia enfatiza a importância da cultura na constituição de identidades e na organização social.

Durante minha pós-graduação, comecei a utilizar a etnografia para explorar o ambiente do futebol nas categorias de base. Inicialmente, eu aplicava minhas próprias noções culturais de forma indiscriminada e interpretava a cultura de outras sociedades com base em minha visão pessoal. No entanto, meu estudo aprofundado de outras abordagens antropológicas ampliou minha compreensão.

Durante um curso com meu orientador, tive a oportunidade de ler o livro “A Invenção da Cultura” (2010) de Wagner, que apresenta críticas à abordagem interpretativa simbólica de Geertz (1989). Essa leitura me levou a compreender a importância da ideia de mediação e criatividade na cultura, onde a noção de inventividade se torna mais relevante do que a interpretação.

Em seguida, fui influenciado pela antropologia ecológica de Ingold (1986), que considera a cultura como uma prática incorporada e um modo de vida emergente da interação contínua entre seres humanos, materiais e o ambiente. Ingold questiona a separação entre humanos e natureza, argumentando que as práticas humanas moldam o ambiente natural e, por sua vez, são moldadas por ele. Embora a perspectiva de Ingold seja significativa, por enquanto, seguirei o modelo proposto por Roy Wagner.

Para Wagner (2010), a cultura é criada na interação entre o antropólogo e o outro, por meio da interação de sujeitos de universos simbólicos distintos. A cultura não é um conjunto fixo e objetivo de práticas, valores e significados universais, mas sim um processo subjetivo de criação e negociação de significados entre os membros de um grupo social. Wagner destaca que a cultura é um processo dinâmico moldado pelas interações e negociações constantes entre os membros de um grupo social.

Segundo Wagner (2010), a cultura não é uma entidade, unidade ou objeto independente dos indivíduos que a produzem e reproduzem. Em vez disso, ele argumenta que a cultura é um processo dinâmico de criação e negociação de significados que surge das interações sociais entre os membros de um grupo. Ao afirmar que a cultura tem um caráter de inventividade, Wagner quer dizer que os significados culturais não são dados de antemão, mas sim criados continuamente pelos próprios indivíduos em suas

interações sociais. Cada indivíduo contribui para a produção e manutenção dos significados culturais a partir de sua própria perspectiva e experiência pessoal, e esses significados estão sempre sujeitos a mudança e reinterpretação à medida que novas interações e negociações ocorrem.

Wagner (2010) propõe que a cultura é um processo dinâmico de criação e negociação de significados nas interações sociais. As pessoas inventam novos significados e a cultura se adapta e transforma em resposta às mudanças históricas e sociais. A abordagem à cultura deve ser reflexiva e crítica, reconhecendo a implicação dos pesquisadores na produção dos significados culturais. Durante o trabalho de campo, o etnógrafo cria a cultura do outro a partir de sua própria experiência, gerando um jogo de alteridades que impulsiona a produção de novos símbolos. Dessa forma, o estudo da cultura é uma manifestação da cultura em si, já que os etnógrafos estão envolvidos na criação e negociação de significados junto aos membros do grupo estudado.

Reversibilidade e equilíbrio

Na obra “A Invenção da Cultura”, Roy Wagner (2010) examina a elaboração de teorias sobre a cultura em estudo, tanto pelos antropólogos quanto pelos nativos, culminando em um conceito de “antropologia reversa”. Tal conceito demonstra que não apenas os antropólogos criam teorias sobre os nativos, mas estes últimos também têm suas próprias hipóteses em relação aos antropólogos e ao seu contexto. O autor argumenta que todo ser humano é um “antropólogo” e um inventor de cultura.

O momento em que o etnógrafo chega ao campo de pesquisa é crucial nesse processo inventivo, pois ele se encontra em dois universos de significados e ações distintos. Roy Wagner (2010) aponta que o pesquisador deve compreender o modo de vida dos nativos e continuar a se relacionar com sua própria cultura, muitas vezes criando culturas que não existem na realidade. O pesquisador é um estranho em ambos os grupos, o que pode gerar desconfiança e interpretações equivocadas, apesar de seus esforços para explicar suas atividades e interesses de pesquisa. Os pesquisados têm o poder de julgar, analisar e interpretar os etnógrafos, e assim, acabam por inventar uma cultura para o forasteiro.

A cultura apresenta uma dimensão inventiva e uma dimensão consensual, sendo que a primeira é possível graças a um consenso simbólico mínimo que permite um tipo de salto interpretativo e extensão metafórica (WAGNER, 2010). O antropólogo ressalta que o pesquisador não busca tornar-se o nativo, nem mesmo utilizar um subjetivismo etnográfico, mas sim pensar em esquemas analíticos que colocam o etnógrafo diante de suas próprias construções que promovem a invenção da cultura no local de pesquisa (WAGNER, 2010).

A criatividade dos grupos na elaboração de suas referências culturais é fundamental, e o etnógrafo não deve ser visto como aquele agente profissionalizado que desvela a cultura do outro, mas sim como alguém que se interessa em aprender com as culturas estudadas e reconhecer a criatividade desses grupos (WAGNER, 2010). Dessa forma, a autoconsciência cultural é essencial para compreender a complexidade das relações entre o pesquisador e os nativos, evitando interpretações equivocadas e respeitando as

diferenças culturais em ambos os níveis.

A concepção de cultura proposta por Wagner, além de prover um entendimento relacional acerca de sua natureza, pode ser aplicada para refletir sobre a pesquisa etnográfica e a comunicação entre etnógrafos e nativos. Segundo Goldman (2011), a noção de relação, por ser mais apta a reconciliar pontos de vista equivalentes do que as noções de análise ou exame, representa uma abordagem inovadora para o exercício etnográfico, destacando a importância da relação entre pesquisadores e pesquisados na construção do conhecimento.

Para Wagner, a cultura só pode ser “inventada” em situações de “choque cultural”, que precedem a própria cultura, abrindo novos caminhos epistemológicos para a compreensão dos paradigmas antropológicos. A reversibilidade, segundo ele, apresenta uma abordagem inovadora para o exercício etnográfico, enfatizando a relação entre nativos e pesquisadores como dispositivos centrais para a construção do conhecimento, em que observador e observado possuem papéis equivalentes.

Ao contrário de autores pós-modernos como James Clifford, que destacam o papel da escrita etnográfica como um problema central, Wagner (2010) argumenta que o processo de construção do conhecimento não pode ser reduzido a um mero exercício de escrita. Em vez disso, a abordagem de Wagner enfatiza a importância da equivalência entre nativos e antropólogos, que é um aspecto fundamental da antropologia reversa, onde há igualdade ativa ou de direito entre os discursos antropológicos e nativos (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Dessa forma, a perspectiva de Wagner implica em uma mudança significativa na forma como os pesquisadores tradicionalmente concebem sua relação com os sujeitos de pesquisa. Em vez de serem vistos como observadores objetivos e distanciados, os etnógrafos são encorajados a reconhecer sua própria subjetividade e a participar ativamente na construção do conhecimento antropológico em conjunto com os nativos. Além disso, a abordagem também implica em uma rejeição da ideia de que os antropólogos têm o monopólio da produção de conhecimento.

De acordo com Wagner, os nativos desempenham papéis fundamentais na construção do conhecimento acadêmico, uma vez que são eles que fornecem subsídios sobre suas práticas sociais. Para construir um conhecimento mais completo e preciso sobre as culturas, é essencial que haja interação equivalente entre o etnógrafo e os nativos. A antropologia reversa de Roy Wagner, como descrita por Sônia Maluf (2010), é uma dupla antropologia: uma realizada pelo antropólogo em campo, que inventa a cultura do outro, e outra mais pragmática e não acadêmica, que é a apreensão desse outro sobre os pesquisadores. Assim, a antropologia reversa busca inverter a perspectiva tradicional da antropologia, que muitas vezes coloca o etnógrafo como observador e intérprete de culturas distintas da sua própria, propondo que a compreensão de outras culturas deve ser acompanhada por uma reflexão sobre a nossa própria cultura e as maneiras pelas quais ela nos influencia.

Wagner não opõe diretamente a noção de “invenção” à de “representação” proposta por Clifford (2002), mas propõe que as etnografias devem ser vistas como algo mais do que simples representações da realidade, já que são

construções ativas que envolvem transcrições de significados. Portanto, as etnografias não podem ser concebidas como meras representações ou reflexos da realidade, mas sim como produtos criativos que descrevem mundos culturais imaginários a partir da interação cultural.

A antropologia “reversa” ou “do sujeito” busca superar visões estereotipadas e reconhecer a complexidade e diversidade das experiências humanas, refletindo criticamente sobre as relações de poder que moldam as interações e reconhecendo a importância do diálogo e da alteridade. O objetivo é desafiar as dinâmicas de autoridade e pressupostos inerentes à pesquisa etnográfica clássica, voltando o olhar do pesquisador para sua própria cultura e sociedade como mediador. A reversibilidade questiona a posição privilegiada do pesquisador e busca equilibrar epistemologicamente as relações de poder, permitindo que as pessoas e grupos estudados participem ativamente do processo de produção do conhecimento e desconstruindo hierarquias de poder.

A busca pela colaboração e diálogo com os nativos e interlocutores tem sido uma tendência importante na contemporaneidade, em que se busca construir uma etnografia mais sensível às perspectivas e vivências dos sujeitos estudados, estabelecendo diálogos horizontais e éticos. Produzir uma etnografia reversa implica em uma mudança de paradigma em relação ao papel do etnógrafo, que passa a ser mais um mediador do processo do que um detentor de um conhecimento superior e objetivo. Isso exige do pesquisador uma maior responsabilidade em relação à forma como as perspectivas dos interlocutores são representadas e utilizadas na produção textual. É fundamental evitar a sobreposição do conhecimento acadêmico canônico aos saberes nativos e respeitar as culturas e conhecimentos de diferentes grupos humanos.

A fim de evitar a deturpação ou apropriação dos conhecimentos e práticas tradicionais de comunidades, torna-se imperativo reconhecer que o conhecimento não é uma prerrogativa exclusiva da academia, e que as comunidades nativas possuem uma fecunda reserva de saberes que pode enriquecer a compreensão sobre a cultura. A sobreposição do conhecimento acadêmico canonizado aos saberes nativos, resultante da aplicação de conceitos externos ao objeto (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) e em outras áreas que visam compreender e respeitar as culturas e conhecimentos de grupos humanos distintos, deve ser evitada. Dessa maneira, é necessário adotar uma abordagem de humildade epistemológica, que reconheça a legitimidade e o valor dos saberes nativos. Conforme afirmado por Ferreira (2022), embora os conhecimentos não sejam equiparados, isso não implica a superioridade de um em relação ao outro, podendo-se rejeitar a hierarquia mesmo diante da hegemonia.

Outros ângulos, outras culturas?

Em diversas ocasiões, fui designado com diferentes identidades, como jornalista³, fotógrafo, professor de educação física⁴ e até mesmo empresário de futebol, entre outras. Talvez possa ser considerado um equívoco ético ne-

³ Mesmo que eu seja formado em comunicação social com habilitação em jornalismo, jamais havia me apresentado dessa forma, sendo que, diretamente, há muitos anos que não trabalho nessa profissão.

⁴ Não é um equívoco. Afinal, eu sou, mas durante a trajetória de campo procurei inutilmente obliterar.

glicenciar a clareza ou delimitação sobre minha identidade de pesquisador com meus interlocutores, ou talvez com o passar do tempo, minha personalidade etnográfica tenha sido obliterada naquele universo. Em todo caso, sempre que as circunstâncias o exigiam e permitiam, apresentei minhas credenciais de pesquisa, sem nunca ter agido com má-fé.

Situações análogas a essa também ocorreram com outros pesquisadores. Rosane Pinheiro-Machado (2005), por exemplo, ao investigar o cotidiano dos ambulantes e seu trabalho informal no centro de Porto Alegre, foi identificada repetidamente pelos nativos como jornalista, denunciante ou funcionária da Receita Federal (2004). Magnani (1998), ao estudar o lazer, foi identificado de diversas formas, incluindo como funcionário do circo, fiscal, policial, repórter, fotógrafo e até mesmo professor (1984). Mariana Pisani (2012), ao estudar o futebol feminino, foi vista pelas atletas como a fotógrafa da Universidade de São Paulo, devido à câmara profissional que usava para registrar momentos antropológicos (2018).

Mauro Myskiw (2012), que investigou o futebol de várzea em Porto Alegre, foi inicialmente identificado pelos nativos como estagiário da prefeitura, mas também como o professor que ajudava a organizar a competição, além de estagiário da Secretaria Municipal de Esportes ou o jornalista que enviava fotos e textos para veículos de imprensa locais. Arlei Damo (2005), em sua tese, também conta que seu estatuto de pesquisador foi questionado quando atuou como intérprete em um contrato de jogador com um clube francês. Segundo Damo, naquele momento, poderia ter sido visto como amigo, etnógrafo, intérprete, torcedor ou empresário, dependendo do contexto e da perspectiva dos participantes envolvidos. Embora em alguns episódios as circunstâncias possam ter levado a um engano ou confusão, não se deve descartar que, dependendo do contexto, sempre se deve considerar o ponto de vista nativo.

Ao conviver com meus interlocutores, desenvolvi uma compreensão da cultura futebolística do contexto, por meio da minha imersão cultural (BERREMAN, 1975). Durante esse processo, comecei a questionar a importância da relação entre observador e observados, buscando ampliar meu conhecimento e compreensão dos pressupostos subjacentes à cultura futebolística de uma perspectiva nativa. Isso me levou a refletir sobre as relações no contexto esportivo em que estava inserido e a reconhecer outras perspectivas que antes não considerava. Essa reflexão também abrangeu a relação do campo com minha própria identidade e como eu me apresentava aos outros, o que gerou conflitos entre o “eu” e o “outro” (BERREMAN, 1975) e impactou a dinâmica da pesquisa.

Diversas situações icônicas surgiram para mim, como a presença do empresário do Fabão, do jornalista-fotógrafo dos jogadores do time juvenil do São José, diálogos entre profissionais de educação física, o empresário de futebol nas redes sociais e o agente esportivo. Cada uma dessas situações, com suas peculiaridades, geraram questionamentos importantes em relação às perspectivas nativas e ao equilíbrio epistemológico da pesquisa.

Os olhares nativos

A seção subsequente se encontra segmentada em várias partes, visando demonstrar a maneira como o su-

jeito nativo executa o constructo cultural em questão. Na primeira parte, retoma-se a narrativa do aspirante a jogador de futebol Fabão. Na segunda parte, apresenta-se a perspectiva dos jogadores juvenis do São José. Na terceira parte, expõe-se a visão oriunda das redes sociais. No quarto momento, é apresentada a perspectiva de um agente esportivo nativo, enquanto a última parte aborda a ótica de um observador técnico. No exame dos meus diários de campo, outras situações suscetíveis de abordagem se fizeram notar, mas, em decorrência do espaço limitado, talvez devam ser tratadas em outra oportunidade.

Fabão provinha de uma família desprovida e de poucas posses. Residia com a mãe, o padrasto, seus irmãos e meia-irmã numa região periférica da zona meridional de Porto Alegre. A despeito de enfrentar inúmeras vicissitudes, mantinha-se obstinado em seu anseio de se tornar um futebolista profissional. Num primeiro momento, minha relação com Fabão se limitava a lhe oferecer carona até treinos e partidas. Residindo eu também na zona sul, buscava-o no ponto de ônibus na ida e deixava-o no mesmo ponto ao regressar. Fabão havia integrado algumas agremiações esportivas, tendo além de São José e Internacional, passado menos de um ano no Avaí de Florianópolis. Encarou desafios, como uma lesão no joelho e o seu desempenho abaixo da média que culminou em sua dispensa do Avaí. Não obstante, mantinha-se firme e dedicado em seu propósito de tornar-se jogador de futebol profissional.

O progenitor, que raramente comparecia aos embates do filho em virtude dos horários da linha de ônibus em que exercia a função de coletor, pertenceu à categoria de base do Grêmio até atingir a idade sub-20, quando foi dispensado e não obteve a oportunidade de tornar-se profissional. Dentro do núcleo familiar, o jovem representava o filho mais novo, sendo que, tal qual muitos caçulas, encontrava-se isento da obrigação de trabalhar, a fim de seguir o projeto familiar (SPAGGIARI, 2015) de galgar posições na carreira futebolística e, por conseguinte, elevar-se economicamente e socialmente.

As categorias de base do Grêmio e do Internacional são alvo de empresários do meio futebolístico. Desde tenra idade, por volta dos dez ou onze anos, os meninos são objeto de cobiça desses agentes (BOEHL; MYSKIW, 2021), sendo que raramente chegam ao sub-14 sem ter um representante. No São José, equipe em que atua Fabão, as condições se mostram diversas.

No São José, time em que Fabão jogava, as condições eram diversas. Na categoria infantil (sub-15), apenas um pequeno número de jogadores contava com um empresário. No entanto, todos esses jovens aspiravam a ter um representante, não apenas para ter acesso a clubes maiores, mas também para desfrutar de prestígio entre seus pares. “Não ter um agente/empresário ou manter vínculo com aqueles de má reputação é realmente desabonador, um sinal de que o talento do jogador não foi reconhecido” (DAMO, 2005).

Quando Fabão aludiu à minha pessoa como seu empresário perante seu primo - uma expressão que ele já havia empregado em uma ocasião anterior com seus companheiros de equipe - é provável que o tenha feito em razão de sua falta de um empresário ou de perspectivas de obter um. Na categoria de base, era frequente ouvir co-

mentários acerca de um empresário que estaria prestes a representar algum jogador ou observando talentos para agenciá-los. Apesar de possuir prestígio junto à diretoria, Fabão raramente era mencionado. Sem adentrar a fundo nos interesses de nosso interlocutor, torna-se difícil inferir suas intenções. Entretanto, o que intento ilustrar aqui é a prerrogativa do nativo de construir sua própria visão na relação com o etnógrafo. A antropologia reversa pode ser considerada controversa se não levar em conta essa condição.

Ainda que tenha formação em jornalismo, raramente divulgava tal fato em meio ao grupo. Utilizava minha câmera fotográfica para registros etnográficos. Meu kit era composto por uma câmera semiprofissional Canon e duas lentes (uma do kit e outra com zoom de 300). Em jogos e treinos abertos ao público aos sábados pela manhã, como de costume, levava meu equipamento para capturar momentos. Tentava permanecer discreto, de modo a não chamar a atenção dos jogadores ou arriscar ser impedido de acessar o campo. Porém, vez ou outra, os atletas me solicitavam para registrar lances específicos do jogo. À noite, enviava as fotos para os jovens jogadores.

Em um sábado de jogo, em decorrência de questões profissionais, fui impedido de comparecer. Era meu costume ir a todos os jogos fora de casa e levar minha câmera fotográfica comigo. Naquela ocasião, os meninos sentiram a minha ausência como “fotógrafo”. Na primeira oportunidade que tiveram de me encontrar, indagaram-me: “Fotógrafo, por que não foi ao jogo?” “Não irá mais fotografar nossos jogos?” “O que houve com você, fotógrafo, que não foi fotografar?” Essas indagações me levaram a refletir acerca da complexidade da relação entre o pesquisador e os nativos, tendo em vista que o pesquisador traz consigo suas próprias bagagens acadêmicas e culturais, que podem influenciar sua compreensão do outro. Contudo, como bem salienta Wagner (2010), ao entrar em contato com a cultura dos nativos e como estes o veem e lidam com ele, o pesquisador percebe que há outro lado, seu duplo, que coloca diante dele verdadeiros desafios. A partir dessa compreensão, é possível estabelecer um diálogo mais equânime.

O caso em questão pode ser interpretado como uma ilustração da noção de antropologia realizada por nativos, ou da ideia de que todos nós somos antropólogos (WAGNER, 2010). Isso se deve ao fato de que o pesquisador, mesmo sem ser um fotógrafo profissional, estava realizando um trabalho de registro e documentação da cultura, tal como um etnógrafo em campo. A atitude inventiva dos jogadores ao se interessarem pelas fotos e solicitarem ao fotógrafo que registrasse lances de jogo pode ser vista como um exemplo de como, em certo sentido, “todos somos antropólogos” (WAGNER, 2010), ao observarmos, participarmos e documentarmos aspectos da cultura que nos cercam, embora cada um de nós possa desempenhar esse papel de forma diferente (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

No meu caso, era rotineiro publicar em redes sociais tanto fotografias dos jogos quanto trechos relacionados à condução da minha pesquisa, com o objetivo de avançar no debate sob a perspectiva dos nativos. Minha intenção era evitar produzir a partir do saber acadêmico presente nesses espaços, dominado pelos professores de educação física, e sim dialogar com os pais e as mães frequentadores das categorias de base. Em geral, fiquei satisfeito com os

resultados dessas publicações.

Apesar de o tema central de minha pesquisa ser os empresários de futebol como protagonistas, meu interesse pessoal também se concentrava na identificação de potenciais futebolistas e na formação de jogadores de futebol. Com as repostagens dos pais, minhas publicações começaram a se espalhar pelas redes sociais, e muitos desconhecidos começaram a me contatar por meio de mensagens privadas, solicitando testes em clubes, representação como empresário, material de treinamento ou vídeos de melhores momentos.

Fui impelido, desse modo, a redigir um texto em meu perfil no qual explanasse minha posição como pai e pesquisador. No texto, explanei que frequentemente recebia solicitações de jovens ou seus familiares que almejavam se tornar jogadores de futebol profissional. No entanto, informei que não era intermediário ou detentor de conexões com coordenadores e dirigentes das categorias de base. Enfatizei que se tornar um jogador profissional de futebol exigia muito mais do que simplesmente ter habilidade com a bola. Tratava-se de um esporte que demandava o entendimento da tática, a posse de uma técnica acima da média, além de uma ampla gama de habilidades motoras e resiliência psicológica. Sugeri que, caso o menino acreditasse em suas capacidades, seria preciso dedicar-se aos treinamentos, estudos e informar-se sobre os processos seletivos dos clubes e as competências valorizadas em cada posição, com o objetivo de se destacar. Enfatizei a importância de buscar oportunidades de participar de torneios de verão, ingressar em clubes que pudessem oferecer uma vitrine para o jogador e aprimorar as habilidades técnicas e táticas. Apontei que, se fosse selecionado para integrar a equipe base ou grupo, esse seria um bom começo e, se conseguisse superar as expectativas, certamente clubes maiores buscariam seus serviços.

Além desses indivíduos desconhecidos, alguns pais com quem tive contato durante a pesquisa solicitavam favores que ultrapassavam minha própria concepção de identidade. Entre eles, destaca-se Feijó, originário do norte do país, que veio a Porto Alegre para acompanhar seu filho na base do Grêmio. Em 2014, quando o jovem foi selecionado para integrar a equipe gaúcha a partir de um vídeo, Feijó vendeu seus caminhões e passou a viver de renda, alugando um apartamento no bairro Cristal e levando o filho diariamente para os treinamentos. Com o desempenho do filho nos jogos, ele chamou a atenção dos empresários de futebol e acabou sendo representado pelo mesmo agente que gerenciava a carreira da estrela gremista Luan. Todavia, a falta de atenção dada ao filho pelo empresário provocou queixas do pai. Quando o jovem foi dispensado do Grêmio, o empresário o levou para o Internacional sem a necessidade de um teste. Essa atitude gerou insatisfação entre os familiares colorados.

A mãe de Benito possuía ascendência italiana e, assim, empreenderam todos os trâmites para obter a cidadania europeia, inclusive viajando para a Itália. Quando Benito foi dispensado do Internacional após dispensar seu empresário, Feijó me ligou pedindo ajuda para encontrar um clube ou empresário de futebol influente para seu filho. Devido aos meus contatos na área do futebol, acionei o empresário Edmilson, porém, este não se mostrou interessado em ajudar quando expliquei a situação de Benito, uma vez que conhecia Feijó. Tentei outra abordagem

com o empresário Douglas, mas o resultado foi o mesmo. Com persistência e a ajuda de um empresário mineiro, Benito acabou sendo contratado por um clube nordestino. Durante sua estada no Sport Recife, surgiu uma oportunidade de jogar no futebol suíço, e Feijó imediatamente me contactou pedindo para analisar o contrato de formação da equipe pernambucana e apresentar considerações sobre quais seriam os impactos econômicos em caso de saída do clube. Após analisar o documento, expliquei as cláusulas de indenização em caso de descumprimento.

Muitas vezes, me pediam ajuda com questões administrativas, como a explicação de contratos de formação e questões relacionadas ao Boletim Informativo Diário (BID) da Confederação Brasileira de Futebol. A publicação no BID é essencial para a liberação de um jogador jovem para outro clube. Isso ocorre porque, após os 13 anos, a vinculação a um novo clube só pode ocorrer mediante a chamada liberação, um documento oficial do clube. Para que isso aconteça, é necessário que o nome do jogador seja publicado no BID. É importante ressaltar que, para "rodar" (RIAL, 2008), o jogador precisa estar liberado no BID.

Durante meu trabalho de campo, fui desafiado a sair da posição de mero observador e me engajar em uma relação de co-criação com os membros da comunidade, conforme os novos parâmetros da representação e prática etnográfica (INGOLD, 2008). Isso permitiu obter importantes subsídios empíricos para a 'construção' de suas culturas. Embora eu tenha reclamado egocentricamente dos acessos negados em alguns momentos, esses processos foram fascinantes de se observar.

Federico, progenitor de Bilhalva, era um dos que recorria a mim para inquirir sobre a elegibilidade de seu filho. Caso não pudesse fazê-lo, solicitava a intervenção de Feijó. Como o jovem havia passado por diversas equipes no país, era frequente que seu nome constasse em várias listagens de jogadores elegíveis para disputar partidas. Todavia, sempre que havia necessidade de pesquisa, recorriam a mim, dado meu entendimento em relação a essa burocracia. Artur era outro pai que solicitava meus serviços em menor frequência, uma vez que seu filho havia trocado de equipe apenas duas vezes.

No entanto, ele aproveitava a oportunidade para me pedir orientações sobre exercícios de preparação física, especialmente durante o período de pandemia. Através da etnografia, estabeleci vínculos próximos com meus interlocutores do mundo empresarial do futebol, influenciando minha pessoa (FAVRET-SAADA, 2005) para além do âmbito científico. Consequentemente, assim como eu os contactava para investigar condições de imersão etnográfica, eles me procuravam para obter informações acerca de certos atletas. Não foram poucas as ocasiões em que fui abordado com tal propósito, mas, segundo meus diários de campo, mais de vinte vezes.

Certa vez, o empresário Edmilson indagou-me sobre um centroavante da categoria 04 do São José, do qual o Internacional estava interessado. Em outra oportunidade, Cláudio precisava saber a situação de um jovem do Grêmio cujo pai desejava representá-lo. Já o empresário Douglas ligou-me em busca de mais informações sobre alguns jogadores do São José que estavam em negociação para ingressar em seu escritório.

Enquanto eu observava atentamente Feijó, Federico e

Artur, eles também me observavam, bem como uns aos outros, formando uma complexa triangulação em torno do futebol, que provocava e determinava nossas ações de acordo com as diferentes interpretações que cada um de nós dava a ele. Sinto que, em suas experiências, eles também tiveram suas próprias perspectivas em relação à minha presença como pesquisador, ou qualquer outra coisa que pudesse representar, e que nada os impediria de formular suas próprias interpretações, questionando assim minhas intenções, interesses e objetivos, o que poderia influenciar suas interações e comportamentos. Por sua vez, suas percepções e reações também podem ter afetado sua interpretação dos dados que eu estava coletando.

No entanto, essas situações não devem ser consideradas como meros equívocos ou confusões, mas sim como exemplos da perspectiva da antropologia reversa. De acordo com essa perspectiva, os "nativos" - ou seja, os participantes da pesquisa - também têm o poder de realizar suas próprias antropologias, usando suas consciências, criatividade e inventividade. Embora essas identificações enviesadas possam parecer irrelevantes ou desconfortáveis para o pesquisador, elas podem revelar muito sobre as percepções e expectativas dos participantes da pesquisa, além de serem uma oportunidade para refletir sobre a relação entre o pesquisador e os participantes e como suas percepções e expectativas podem influenciar a pesquisa e sua interpretação.

Portanto, não devemos encarar as identificações enviesadas que alguns antropólogos brasileiros encontraram em suas etnografias como meras confusões, mas sim como uma oportunidade para refletir sobre a relação entre o pesquisador e os participantes e como suas percepções e expectativas podem afetar a pesquisa e sua interpretação. O ponto de vista nativo pode nos ajudar a compreender a diversidade e complexidade das sociedades grupais, bem como a importância de levar em conta as diferentes perspectivas e expectativas dos participantes da pesquisa.

CONCLUSÃO

A reversibilidade entre etnógrafos e nativos é essencial para evitar a supremacia do conhecimento canônico acadêmico sobre o conhecimento nativo. A colaboração mútua e um diálogo justo e equitativo permitem reconhecer a importância das perspectivas nativas e incluí-las no conhecimento produzido, enriquecendo-o com nuances culturais e proporcionando uma visão mais completa das sociedades estudadas.

Embora a não verticalidade e a hierarquia na coconstrução do conhecimento sejam princípios fundamentais na relação pesquisador(a)-interlocutor(a), é importante reconhecer que essa abordagem é um horizonte a ser alcançado. Entende-se que, em certos contextos, as complexas relações de poder e os paradigmas que influenciam a prática etnográfica/científica podem comprometer essa perspectiva. Consciente desses desafios, devem ser buscadas estratégias para promover um diálogo mais equitativo e uma produção de conhecimento plural e abrangente, questionando as estruturas de poder e os paradigmas dominantes em nosso campo de atuação, a fim de construir uma ciência inclusiva, participativa e comprometida com a transformação social.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os colaboradores que de um modo ou outro participaram com esta produção intelectual.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo teve apoio financeiro da CAPES.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, L. Writing against culture. In: FOX, R. (Ed.) **Recapturing Anthropology**. Santa Fe: School of American Research, 1991. p. 137-62.
- BERREMAN, G. D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1975. p. 123-174.
- BOEHL, W. R.; MYSKIW, M. Uma breve análise das relações entre intermediários e jogadores de futebol menores de 16 anos. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 27-33, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.36453/cefe.2021.n2.27215>
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, v. 13, p. 155-61, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50263/54376>
- FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. In: SCHUCH, P.; VIEIRA, M. S.; PETERS, M. (Orgs.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 205-27.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- GOLDMAN, M. O fim da antropologia. **Novos estudos CEBRAP**, n. 89, p. 195-211, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002011000100012>
- INGOLD, T. Anthropology is not ethnography: Radcliffe-Brown lecture in social anthropology. In: JOHNSTON, R. (Ed.) **Proceedings of the British Academy**, Volume 154, 2007 Lectures, 2008. p. 69-92. DOI: <https://doi.org/10.5871/bacad/9780197264355.001.0001>
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. Unesp, 1998.
- MALUF, S. W. A antropologia reversa e "nós": alteridade e diferença. **Ilha**, v. 12, n. 1 e 2, p. 41-58, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2010v12n1-2p41>
- MIGNOLO, W. Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9781400845064/html>
- MYSKIW, M. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol na cidade de Porto Alegre. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/67002>
- PEIRANO M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Darumá; 1995.
- PINHEIRO-MACHADO, R. **La garantía soy yo**. Redes locais e transnacionais de comércio popular – camelôs e sacoleiros (Brasil-Paraguai). 2005. 143f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- PISANI, M. S. **Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. 166f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100982>
- ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf>
- STRATHERN, M. A pessoa como um todo e seus artefatos. In: STRATHERN, M. **O efeito etnográfico: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 487-509.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. O conceito de sociedade em antropologia. In: VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 295-316.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

E-MAIL DOS AUTORES

Walter Reyes Boehl (Autor Correspondente)

✉ neco.boehl@gmail.com

Mauro Myskiw

✉ mmyskiw@hotmail.com